

UMA ESCRITA DA LIBERDADE EM *UM FALCÃO NO PUNHO* DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Luís Henrique Gonçalves Vargas
Orientadora: Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira
Mestrando

RESUMO

De acordo com Maria Gabriela Llansol, a leitura e a escrita, quando ultrapassam os limites da impostura da língua, possuem a capacidade de afastar a indiferença nas relações entre os seres. Com efeito, a escritora portuguesa desenvolve uma compreensão do texto como instrumento para que cada ser (e não exclusivamente o ser humano) tenha a “possibilidade de se desenvolver para o seu fim específico”. Assim, no texto, lido ou escrito, está a virtualidade de estabelecer encontros, relações de intimidade em que se desenvolvem os afetos, com o objetivo de rejeitar a tirania do poder. Por este motivo, inspirado pela filosofia da alteridade de Lévinas e pela ética de Espinosa, este trabalho discute, a partir da leitura do diário *Um Falcão no Punho*, a escrita literária como uma aposta para a formação de uma sociedade dos afetos em que se produz, nas palavras de Deleuze e Guattari, “uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo”.

PALAVRAS-CHAVE: afetos, ética, Literatura, texto.

A escrita e, por consequência, o texto, na compreensão de Maria Gabriela Llansol é um convite para ir além. Ou melhor, é uma exortação para ficar à margem da língua. Esta posição exige uma certeza muito bem delimitada dos objetivos que se propõe alcançar; ou seja, eliminar a tirania e todas as formas de opressão e a indiferença em relação aos outros com o intuito de propormos novos caminhos para uma sociedade contaminada pelo ceticismo que facilmente estigmatiza as nossas relações.

A partir desses elementos, pretendemos observar, neste capítulo, os traços que formam o esboço de uma ética que questiona o nosso entendimento sobre os usos e os objetivos da linguagem e da Literatura. Com o propósito de apresentar o texto de Llansol como um anseio de liberdade, propomos a análise de um excerto do diário *Um Falcão no Punho*, datado do dia 30 de maio de 1979. Não obstante, neste estudo recorreremos a outras passagens do diário, quando forem oportunas para o tratamento dos temas abordados.

O fragmento em questão é o seguinte:

Jodoigne. 30 de Maio de 1979

Está calor, como no verão em Portugal, mas já faz sombra, e ao fim da tarde acumula-se a eletricidade como no verão do Brabante; destituo-me da literatura, e passo para a margem da língua; eu creio que Portugal é um território de viagem, estelado, ou com a configuração das estrelas, pelo itinerário dos portugueses, fugitivos, judeus, comerciantes, emigrantes, ou navegadores; tal é a árvore genealógica desenhada à margem da literatura portuguesa. Os temas circunscritos ao país despido das suas rotas de viagem, são temas carcerais que revelam a mediocridade das relações de sociedade, em geral, e o desenvolvimento normativo de uma literatura; diferente, é a interrompida linha de continuidade das memórias, enterradas nas areias de um mapa celeste; quase escondido da literatura vigente, teme surgir um campo inundado da língua em que, conhecer-se através dela, faz parte dos amores íntimos. (LLANSOL, 1988, p.10)

O texto se inicia de uma maneira, aparentemente, despreziosa: um comentário a respeito do clima. É interessante observar que a narradora de Llansol não se limita a afirmar que se forma uma tempestade com raios e trovões. Ao invés disso, ela declara que a eletricidade se acumula, o que expressa a potência de uma força informe que se condensa antes de espalhar os seus efeitos pelos céus e também pela terra. Entretanto, o calor comparado ao do fim da primavera em Portugal é um pretexto para a reflexão que desenvolverá sobre a direção tomada pela Literatura de seu país natal.

A narradora assume a decisão de se privar ou de abandonar da literatura (“destituo-me da literatura”) e propõe a si mesma o único caminho que lhe parece justo: passar para “a margem da língua”. Um pouco mais a frente, ainda na entrada do dia 30 de maio de 1979, ela declara estar “a reflectir[se] devia perder da literatura para

contar de que maneira [atravessou] a língua, desejando salvar-[se] através dela”. (LLANSOL, 1988, p. 11). Na escolhadade “estar à margem” está a atitude de atravessar a língua, talvez em todas as direções: de norte a sul, de leste a oeste, de baixo para cima. Ela precisa atravessar a língua porque esse é o único meio de conhecê-la. O “estar à margem” indica uma dupla realidade: a de uma proximidade, pois se está perto; mas também a de uma exclusão, porque se está fora dos limites. Em ambos os casos, ela decidiu ultrapassar a talvez tênue linha que separa a língua, ou melhor, os seus usos canônicos do que é inapropriado.

Llansol reconhece a presença de uma força opressiva na linguagem, o que a aproxima das ideias de Barthes: “Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua.” (BARTHES, 2015, p. 13). Para o pensador francês, o único meio de ultrapassar esta força da linguagem pelo “preço do impossível: pela singularidade mística, tal como a descreve Kierkegaard, quando define o sacrifício de Abraão como um ato inédito, vazio de toda palavra, mesmo interior, erguido contra a generalidade, o gregarismo, a moralidade da linguagem”. (BARTHES, 2015, p. 16). É possível observar, em outros fragmentos de *Um Falcão no Punho*, que a narradora parece se aproximar dessa singularidade mítica que poderia ser associada ao momento do fulgor. Todavia, o mesmo Barthes afirma que o homem comum é incapaz de seguir os caminhos da mística, portanto, necessita enganar a língua:

“só nos resta, por assim dizer, trapaçar a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura. (BARTHES, 2015, p.17)

Llansol parece não concordar que a literatura, com as suas trapaças, consiga manter essa “revolução permanente”. Ela prefere abandonar a literatura porque esta não salva. A salvação, obviamente, não deve ser entendida como uma redenção no sentido religioso, mas de um recurso capaz de conservar e fazer expandir a vida. Por isso, ela prefere ficar fora da Literatura enquanto instituição, ainda que sinta o impulso de escrever e o desejo de ter os seus livros publicados.

O propósito de sua escrita, entretanto, ficaria um pouco mais claro na entrada do dia 16 de junho de 1982 em que traz para o seu texto uma longa citação de *Ética e Infinito* de Lévinas:

Espero o meu livro como um daqueles que aponta Levinas, e que não são uma unidade fundamental de medida nem pertencem à pessoa que fala.

«C'est à la lecture de livres—pas nécessairement philosophiques — que ces chocs initiaux deviennent questions et problèmes, donnent à penser. Le rôle des littératures nationales peut être ici très importante. Non pas qu'on apprenne des mots, mais on y vit "la vraie vie qui est absente" mais qui précisément n'est plus utopique, Je pense que dans la grande peur du livresque on sous-estime la référence "ontologique" de l'humain au livre pour une source d'informations, ou pour une "ustensile" de l'apprendre, alors qu'il est une modalité de notre être»(LLANSOL, 1988, p.75)¹

O livro deve possuir duas características: 1). Não ser uma unidade de medida; 2). Não pertencer à pessoa que fala. Os livros não devem produzir ou impor parâmetros, ainda que estejam imbuídos de valores nobres como a bondade, a verdade, a beleza e a justiça. Não cabe à Literatura a tarefa de estabelecer ditames à semelhança do imperativo categórico kantiano. Além disso, deve haver um deslocamento da pessoa que escreve. O não pertencimento indica que o texto não se restringe a si mesmo, mas serve de abertura para um itinerário que não lhe é exclusivo: “Quando se escreve, só importa saber em que real se entra, e se há técnica adequada para abrir caminho a outros.” (LLANSOL, 1988, p. 55). Abrir caminhos, no entanto, não se confunde com a criação de uma “escola” ou como uma literatura de formação:

A importância dos livros não está na epifania de ideias ou na revelação da subjetividade, mas no fato de que *ils donnent à penser*, eles nos fazem pensar e produzem em nós “choques” que *deviennent questions et problèmes*, nossas questões, nossos problemas; que muitas vezes permanecem sem resposta, mas que nos abrem novas possibilidades de conhecer, de pensar, de agir e de sentir, ultrapassando os nossos conceitos de certo e errado, de adequado e inadequado. Dessa maneira, ensina-nos que a verdadeira função dos textos não é o conhecimento lexicográfico, mas reconhecer que neles está *la vraie vie absente*, a verdadeira vida ausente. O que seria essa “verdadeira vida”, contudo, o texto não explicita.

Ademais, os livros não são uma *source d'informations*, mas uma *modalité de notre être*, uma modalidade, um modo de existir, do nosso ser. Neste momento se pode pensar em dois exemplos clássicos: As epopeias de Homero e os textos bíblicos: Quem desejasse construir um escudo ou um navio, ou mesmo conduzir uma batalha de acordo

¹ Na tradução de João Gama (LEVINAS, 2007, p.12): É com a leitura de livros – não necessariamente filosóficos – que estes choques iniciais se transformam em perguntas e problemas, dão que pensar. O papel das literaturas nacionais pode aqui ser importante. Não é que se aprendam palavras, mas vive-se «a verdadeira vida que está ausente», que precisamente, não é utópica. Penso que, no grande medo do livresco, se subestima a referência «ontológica» do humano ao livro que se toma como um «utensílio» para aprender, como um manual, quando é, na verdade, uma *modalidade* do nosso ser.

com as descrições do poeta grego, dificilmente teria êxito. O mesmo aconteceria com quem tentasse descobrir como foi possível haver uma tarde e uma manhã antes da criação do sol e da lua no livro do Gênesis. Platão em sua *República* soube demonstrar que não se pode usar a literatura como “fonte de informação”. A importância dos livros se dá em uma outra dimensão: no fato de que eles são “modalidades do nosso ser”.

Em seguida, a partir da experiência de Portugal e também da experiência de uma portuguesa vivendo na Bélgica, ela parece delinear as causas para o seu afastamento da linguagem. “Portugal é um território de viagem”. A ideia de território neste caso não parece implicar somente ao aspecto geográfico, mas também em seu aspecto jurídico. A caracterização desse território como “estelado” parece confirmar essa afirmação. As estrelas são marcos nos quais se delimitam os territórios. Llansol, ainda, parece brincar com a semelhança gráfica e sonora entre estela e estrela. E faz uma analogia entre o território de viagem e a configuração das estrelas. Em uma constelação as estrelas estão unidas por linhas imaginárias o que permite imaginar uma figura. Assim se dá com a ideia de Portugal (e talvez se possa pensar o mesmo dos outros estados): é uma realidade artificial criada apenas pelo intelecto.

Por outro lado, pode-se pensar que as linhas que unem as estrelas não apresentam uma hierarquia entre elas; os seus traços podem ser seguidos em todas as direções e, por este motivo, dão origem a múltiplas possibilidades, o que parece remeter ainda à noção de rizoma proposta por Deleuze e Guattari: uma estrutura nodal, sem centro, cujos elementos se conectam por uma infinidade de nós “em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.” (DELEUZE, GUATTARI, 2013, p. 30)

É interessante observar quais são as estrelas que formam este território de viagem, pelo itinerário dos portugueses: “fugitivos, judeus, comerciantes, emigrantes ou navegadores”. Como estrelas que são, eles possuem luz e calor próprios. Cada um com a sua história, sonhos, realizações e um histórico de violências sofridas e praticadas. Em suma, são histórias com múltiplas conexões entre si que são desconsideradas ou anuladas em benefício da História do “Grande Portugal”. Esses são os verdadeiros personagens da genealogia portuguesa que, no entanto, permanecem à margem.

Em contrapartida, a Literatura, inspirada pelo Portugal Grande, volta-se para a sua relação com as águas, como se pode observar na entrada do dia 10 de julho de 1979: Queria desfazer o nó que liga, na literatura portuguesa, a água e os seus maiores

textos. Mas esse nó é muito forte, um paradigma frontalmente inatacável. (LLANSOL, 1988, p.32)

Por outro lado, ela também critica a literatura do fim dos anos 60 e a que vinha se firmando após a Revolução dos Cravos de 1974 e o fim do sonho colonial português. De fato, a Literatura, na tentativa de perseguir novos caminhos, acabou se tornando uma presa da crítica social como citado acima: “Os temas, circunscritos ao país despido de suas rotas de viagem, são temas carcerais que revelam a mediocridade das relações da sociedade em geral, e o desenvolvimento normativo de uma literatura”.

Esses temas são carcerais porque se alimentam da desgraça do país, como se fosse o objeto normativo de uma literatura a eles aprisionado. Com isso, Llansol não pretende propor uma literatura “alienada”. Na verdade, está em questão a compreensão de que a Literatura não deveria permanecer na crítica social como uma obrigação. Em outras palavras, a literatura deve dar o próximo passo, apresentando uma contraproposta:

diferente, é a interrompida linha de continuidade das memórias, enterradas nas areias de um mapa celeste; quase escondido da literatura vigente, teme surgir um campo inundado da língua em que, conhecer-se através dela, faz parte dos amores íntimos. (LLANSOL, 1988, p.10)

A narradora trata de interrompida linha de continuidade das memórias, o que parece indicar a necessidade de uma busca por algo que se perdeu, não de algo que tenha deixado de existir. A busca por algo que permanece enterrado, oculto, mas que continua a existir sob as areias de um mapa celeste e pôde ser enunciado por Freud: “tudo é preservado de alguma maneira e pode ser trazido novamente à luz em circunstâncias adequadas” (FREUD, 2015, p.12) Trata-se da procura por algo que permanece encoberto, não à semelhança do Rei Dom Sebastião que perecera nas areias de Alcácer-Quibir. As areias são fragmentos de rochas que facilmente se movem; mas precisam de um agente externo: o vento, a chuva, ou ainda a ação das escavações realizadas pelo homem. A escrita é uma forma de escavação que atravessa e retira as camadas de areia para revelar o que está oculto.

Em um território de viagem como é Portugal nada poderia ser mais importante do que um mapa. No entanto, tal mapa possui uma particularidade: é um mapa celeste. De alguma maneira, é preciso aprender a viajar entre as estrelas. Ou então usá-las para nos conduzir nas viagens aqui em baixo, como fizeram os navegadores.

Esse mapa, quase oculto, teme o surgimento de um campo inundado da língua. Teme porque não se sabe ao certo o que pode vir a acontecer. Teme o desconhecido e o conhecimento novo que pode trazer sobre si. É interessante observar a confluência de palavras que parecem evocar o campo semântico do segredo: memórias enterradas, mapa celeste quase escondido, amores íntimos. Na memória está o conhecimento que precisa ser encontrado e o meio para isso é o mapa celeste que está quase oculto e o conhecimento que se espera alcançar faz parte de amores íntimos. Mas o que esse mapa revela? Um pouco mais adiante, em uma entrada datada apenas do mês de novembro ela declara:

Há um segundo, um terceiro, um quarto, um quinto mundo que muito homem experiente pode abranger, que traduz o mundo luzente, o mundo fulgurante, o mundo desconhecido, o mundo tenaz, o mundo que submete um só para todos. (LLANSOL, 1988, p.67)

Sob esse aspecto, o seu texto assume uma missão semelhante à de Portugal durante o período das Grandes Navegações, mostrar novos mundos: “Novos mundos ao mundo irão mostrando”. (*Os Lusíadas*, II,45). Os mundos que no texto se revelam, entretanto, são apenas uma tradução; não são uma cópia ao modo platônico. Entre o original e o traduzido opera uma distância com esse mundo fulgurante e desconhecido. Nesse mundo é o amor, ou melhor, os amores são o que movem esse conhecimento, *l’amorchemuoveil sole et l’altrestelle*, diria Dante. Para o florentino, Deus é o amor que move o sol e as demais estrelas; para a narradora de Llansol, trata-se de uma realidade múltipla (são amores) que permanece não declarada, na intimidade. No entanto, esses “amores íntimos” parecem evocar a prática dos afetos.

Para compreendermos a importância dos afetos no texto de Llansoliano, é preciso recorrer ao pensamento de Espinosa, autor de cuja linhagem Llansol afirma pertencer e que chamava a atenção para, uma incompreensão acerca do assunto:

Os que escreveram sobre os afetos e os modos de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela. Ou melhor, parecem conceber o homem na natureza como um império. Pois acreditam que, em vez de seguir a ordem da natureza, ele a perturba(...). (SPINOZA, 2007 p.161)

Desprovida dos afetos, a vida torna-se um exílio, um desterro, o que é o oposto da ideia de uma comunidade ou de sociedade. São os afetos que conferem unidade à vida e ao mundo que se deseja habitar. É nos afetos que se fundam as relações mais íntimas e isso é o que o texto de Maria Gabriela Llansol propõe. Deleuze e Guattari defendem que, “é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo” (2014, p.37). Llansol vai um pouco além, não se referindo à Literatura,

enquanto instituição: o que nos afasta do ceticismo são os textos em sua dupla realidade: escrita e leitura. A primeira solidariedade, a primeira comunidade, é a que se estabelece entre quem escreve e o que lê:

Eu penso que a leitura cria uma relação extremamente íntima com alguém. Alguém que lê profundamente é penetrado pelo que lê. E, digamos, essa penetração é uma penetração expansiva, não é uma penetração que fique ali para utilidade própria. Ler o bem ler, é algo que se dá imediatamente no movimento seguinte. E é assim que eu compreendo o amor e as relações de sexualidade, que não estão em órgãos determinados, mas abrangem a totalidade do corpo e que existem para que o belo se perpetue, o prazer de estar, etc. (2011, p. 57)

Em outras palavras, o texto propõe que os afetos fundam as nossas relações mais íntimas. No entanto, cabe ressaltar um aspecto que o próprio Espinosa já havia apresentado: existe uma multiplicidade de afetos. E por mais que desejemos ultrapassar a classificação entre bons e maus afetos, é evidente que nem todos os afetos podem garantir a liberdade da qual o seu texto é herdeiro. Sendo assim, é importante delimitar que afeto ou quais afetos são relevantes para a sua escrita. Por outro lado, ainda que não seja possível uma resposta definitiva sobre o problema, é provável que o caminho para entender a importância dos afetos no texto de Maria Gabriela Llansol, esteja em seu compromisso com o outro.

Referências

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moyses. 1 ed. 17. reimp. São Paulo: Cultrix, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Vol 1*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira et alii. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. 6. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LLANSOL, Maria Gabriela. “Um texto que é um rio...” In. LLANSOL, M. G. *Entrevistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um Falcão no Punho*. 2.a ed. Lisboa: Relógio D’Água, 1988.

LEVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Trad. João Gama. 1. ed. Lisboa. Edições 70, 2007.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Trad. Tadeu Tomaz. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.